

## Sant`Ana do Alegre: o caminho mineiro do cerrado<sup>1</sup>

*Rubens Lopes<sup>2</sup>*

“... permaneçam como memórias  
de um passado que está  
mais próximo do nosso futuro  
que o ontem.”  
*Rubem Alves*

Minas Gerais é também o sertão, são as veredas e os rios. É a gente que acorda cedo e espera, na porta, o leite para acompanhar os pães de queijo. O “seo” Zé do leite leva uma braúna (espécie de vasilha) na sua bicicleta e, de casa em casa, com um sorriso único, serve o leite. São pessoas de rosto marcado pela vida no cerrado, expressões que dizem o que é a vida de lá.

Ainda têm meninos que empinam pipas, sob uma luz incomum e de indizível beleza. Um pôr do sol que queima como brasa e colore os rostos das pessoas com essa cor. São as árvores pequeninas de troncos torcidos e recurvados com folhas grossas, no meio de uma vegetação rala e rasteira, que se misturam com campos limpos e matas de árvores não muito altas. Esse é o cerrado, uma extensa área de cerca de 200 milhões de hectares, equivalente, em tamanho, a toda a Europa Ocidental.

É uma paisagem que abriga plantas que curam e dão sabor como o barbatimão, a sucupira, o pau-santo, a gabiroba, o pequiheiro, o araçá, o pau-terra, a catuaba, o indaiá e as pitombas. Têm as árvores que florescem no inverno: os Ipês. Tem futebol de campo na hora do pôr do sol. Tem essa simpatia que cativa. Tem o amor pelos bichos e a amizade. E a nostalgia ainda é real, seja num cavalo no pasto ou numa égua comendo sua ração, no trato do carroceiro com o companheiro de trabalho e seus apetrechos. Tem até congestionamento de carroça, acredita?

É a mirada para o céu onde a linha é a extensão do braço até a imensidão, numa bandeira que voa e é guiada por mãos de quem faz parte dessa história. É explosão de alegria, é chupar jabuticaba no pé, essa frutinha da cor dos olhos da menina, que é compartilhada com as maritacas e periquitos.

---

1 Agradecimentos: À Diana Román Durante, pelos meios de produção e às gentes pinheirenses que se deixaram eternizar pelas lentes da câmera fotográfica.

2 Fotógrafo e repórter da Rádio Comunitária Campeche. E-mail: santiagouai@hotmail.com

Minas Gerais são casas simples de pessoas humildes e de vida digna, que levam a “paia de mio” na algibeira e aquecem a palavra com uma boa cachaça. É arte em toda parte, é carro de boi esculpido por mãos hábeis. Enfim, é um povo que sorri a despeito de tudo e teima em buscar vida boa e bonita para todos.

Estas fotos foram colhidas na cidade de João Pinheiro, o maior município de Minas Gerais, em território, com 10.717 km<sup>2</sup>. Nascido no ano de 1873 era uma pequena vila – criada a partir do caminho que levava ao ouro de Paracatu - e recebeu o nome de Sant`Ana do Alegre, em homenagem a Santa Ana, mãe de Maria, e ao boi Alegre, que fazia morada em frente à igreja do lugar e era querido por todos. Mais tarde, em 1911, já elevada à cidade, ganhou o nome de João Pinheiro, em homenagem ao governador do Estado. A política matava, assim, a beleza. Hoje, João Pinheiro ainda expressa a formosura do cerrado na sua gente e na sua paisagem.



Seo Zé – o leite ainda chega pelas mãos do leiteiro



O rosto de Minas



Seo Roque





Pandorguices: a vida por um fio



Fazendo paçoca – doce de amendoim



Fim do dia





A vida, devagar...







Visão desde a BR 040



Gente e bicho, na paz.



Teobaldo, o riso mineiro





Fogão de lenha



Cerrado, as árvores tortas e a imagem de sonho



Simbiose







Família

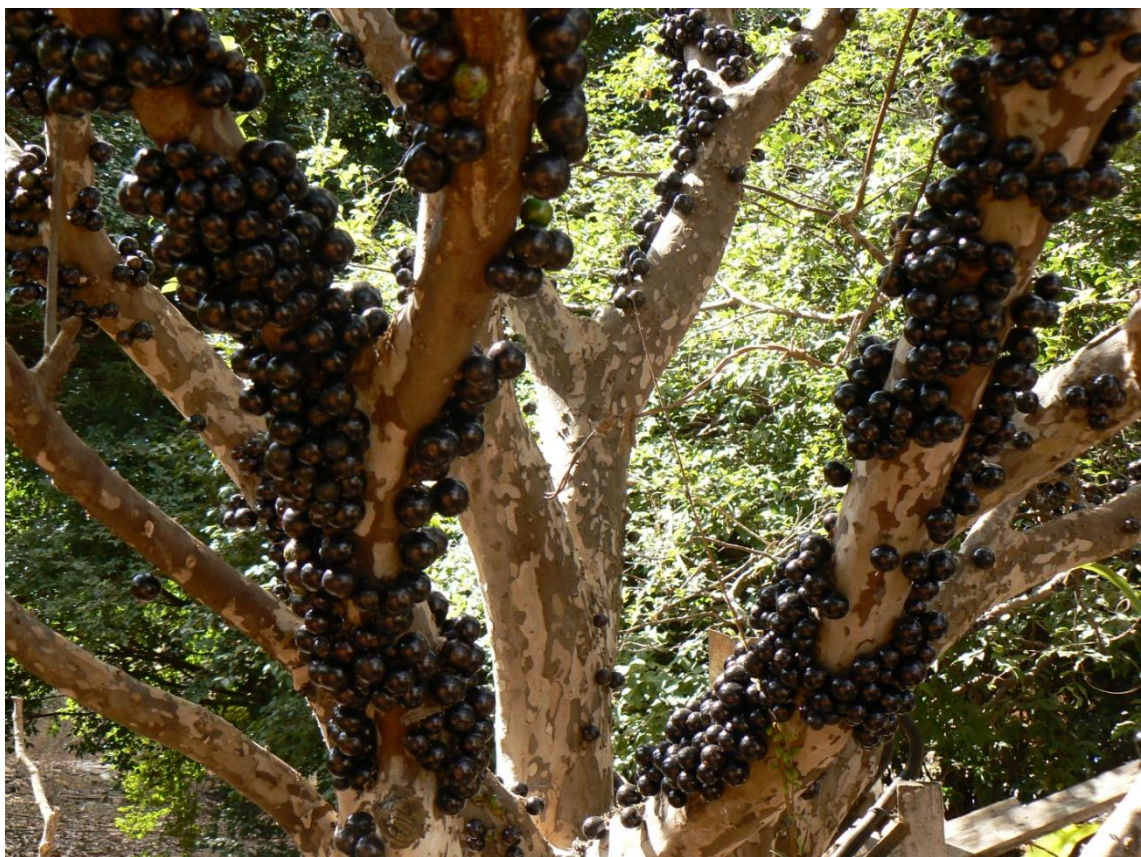


Rua Doutor José Pena



Um país pela mão





Jaboticabas







A vida mesma

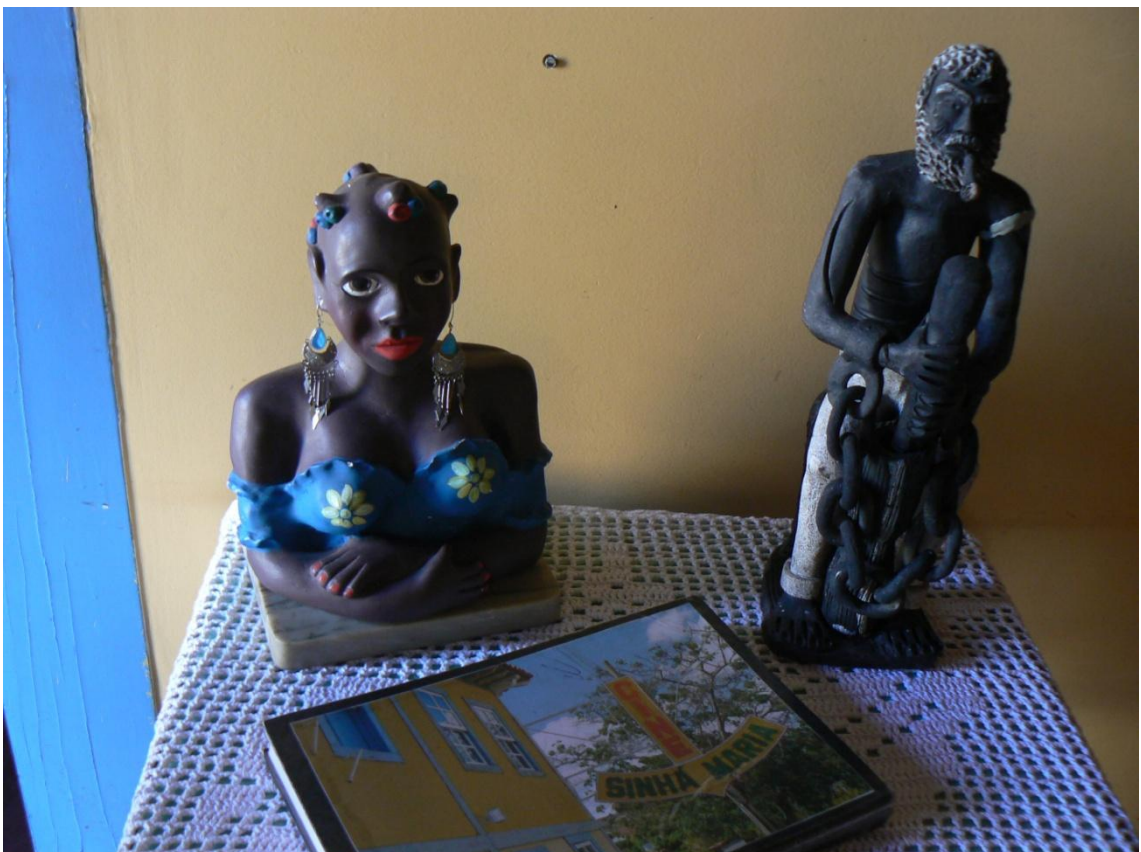


Periquito se fartando





Os bichos







Casa da Cultura









Fábrica de arroz



Inocência



